



Volume II – Agosto de 2008 - <http://www.revistaexagium.com>

ΦΥΣΙΚΗΣ ΑΚΡΟΑΣΕΩΣ Γ **PRELEÇÕES FÍSICAS III**

Tradução de Felipe Gonçalves Pinto (UFRJ) e Rafael Mello Barbosa(UFRJ)

Capítulo 1

Uma vez que a natureza é princípio de movimento e de mudança, e que o nosso caminho de investigação é acerca da natureza, é preciso não descuidar do que é movimento, pois, tendo ignorado o movimento, necessariamente se ignora a natureza. Após termos discriminado acerca do movimento, devemos nos encaminhar do mesmo modo para o que dele procede. O movimento parece estar entre as coisas contínuas, o infinito manifesta-se primeiramente no contínuo. Por isso, muitas vezes acontece, àqueles que definem o contínuo, fazer uso do infinito na sua definição, sendo o contínuo divisível ao infinito. Em face disto, [parece que] sem lugar, sem vazio e sem tempo tampouco pode haver movimento.

Em razão daqueles, e por serem eles comuns e universais a tudo, fica evidente que devemos nos encarregar de cada um deles (pois a teoria sobre o que é próprio a cada um deles é posterior àquela sobre o que é comum a todos). Então, comecemos pelo movimento.

Por um lado, há, certamente, o que é apenas em ato¹ e o que é em potência e em ato. Por outro lado, há um certo isto e um quanto ou um qual ou igualmente às outras categorias do ente. Do relativo a algo se diz por excesso e por falta, por produtividade e por passividade, e, em geral, pelo poder de mover ou de ser movido. Pois o que pode mover é exatamente isso, por conta do que pode ser movido, e o que pode ser movido, por conta do que pode mover.

¹ Optamos por traduzir *entelecheia* por ato.

Não há movimento fora das coisas. Pois o mutável muda sempre ou segundo a essência ou segundo a quantidade, ou segundo a qualidade, ou segundo o lugar, de modo que não há nada de comum em relação à mudança e ao movimento que não seja quiddidade², nem quantidade, nem qualidade ou alguma dentre as outras categorias. Assim, não haverá movimento nem mudança de nada fora das coisas ditas, visto que, certamente, nada há além delas.

Cada um subjaz em tudo de duas maneiras, como um isto³ (pois, por um lado, há a forma dele mesmo, e, por outro lado, há a privação), e segundo o qual (de um lado, branco, de outro, negro) e, segundo o quanto, de um lado, perfeito, de outro, imperfeito. Igualmente, segundo o deslocamento, o para cima e o para baixo ou o leve e o pesado. Dessa forma, o movimento e a mudança são de tantos modos quanto o ente.

Tendo discernido conforme o gênero de cada um, uns em ato, outros em potência, o movimento é o ato do ente que é em potência enquanto tal, como do que pode alterar-se enquanto alterável, é alteração; do que pode crescer e também do seu contrário, do que pode definhar (pois não há nome comum para ambos), crescimento e definhamento; e do gerável e corrompível, geração e corrupção; e do deslocável, deslocamento. Que isto, então, é movimento, fica evidente pelo seguinte: pois o edificável enquanto tal se diz por si mesmo enquanto ato, e esta é a edificação. De igual modo com respeito à aprendizagem, à terapia medicinal, à revolução astral, ao salto, ao amadurecimento e ao envelhecimento.

Uma vez que algumas destas coisas são tanto em potência quanto em ato, não simultaneamente ou não segundo o mesmo, mas como o que é, por um lado, quente em potência e, por outro, frio em ato, muitas coisas, ao mesmo tempo, agirão e serão afetadas por outras. Com efeito, tudo terá simultaneamente o poder de agir e de ser afetado. E assim, também o naturalmente movente é o móvel, pois tudo o que é de tal qualidade move sendo também ele mesmo movido. Então, parece a alguns que todo movente é movido, mas, certamente, [isso] não é dessa maneira, como ficará evidente por outro argumento (pois há um movente que também é imóvel).

O movimento é o ato do ente em potência, quando ele está em ato e em atividade⁴, mas não enquanto ele mesmo, senão enquanto móvel.

² Optamos por traduzir *to tode* por quiddidade nesta passagem, ao invés de ‘um isto’ como o fizemos mais a diante, pois a relação categorial aí expressa estaria sendo colocada de maneira vaga.

³ Tradução de *to tode*.

⁴ Optamos por traduzir *enégeia* por atividade.

Digo o ‘enquanto’ dessa maneira: o bronze é em potência uma estátua, mas, certamente, o movimento não é o ato do bronze enquanto bronze. Pois, não são o mesmo o ser para o bronze e [o ser] algo [móvel] em potência, uma vez que se fossem o mesmo absolutamente e por definição, o movimento seria o ato do bronze enquanto bronze. Mas não são o mesmo, como já dissemos ([isso] fica evidente com respeito aos contrários. Pois, por um lado, aquilo que pode curar-se é diferente daquilo que pode adoecer – visto que curar-se e adoecer seriam o mesmo – por outro lado, o subjacente [do] curável e também o [subjacente do] adocível, seja [ele, o subjacente] a umidade, seja o sangue, é um e o mesmo. Uma vez que não são o mesmo, assim como a cor não é o mesmo que o visível, fica manifesto que o movimento é o ato do potencial, enquanto potencial.

Então, fica evidente que isso é o movimento e que o mover-se acontece quando o ato é enquanto tal, nem antes nem depois. É possível, com efeito, a cada um, tanto estar em atividade, quanto não estar. Por exemplo, o edificável: a atividade do edificável, enquanto edificável, é a edificação (pois ou a atividade é a edificação ou o edifício, mas sendo já o edifício, não é mais edificável, o edificável é o que está sendo edificado. Então é necessário que a edificação seja atividade). A edificação é um movimento, e a mesma definição caberá aos outros movimentos.

Referência Bibliográfica

- *Aristotle's Physics*, a revised text with introduction and commentary by D. W. Ross, Oxford: Clarendon Press, 1966.

Traduções:

Aristotle, *Physics*, Books I-IVPH Wicksteed and FM Cornford, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1934.

Aristóteles, *Física*. Tradução e notas de Guilherme R. De Echandía, Gredos, 1995.